

A LETRA E A LITERATURA

Luiz Henrique Milani Queriquelli¹
Abraão Cabral²

RESUMO

A proposta deste trabalho é refletir sobre a forma que os textos literários são expressos, não apenas na sua escritura, mas na significação que estes trazem consigo. Tal significação resulta de vários fatores, e uma concepção de literatura pouco estudada, baseada na noção de “letra”, será explorada. Assim, pergunta-se: o que torna um texto literário? A resposta não é tão simples quanto à questão parece ser, pois isso implica assumir uma concepção de literatura. Muitos já o fizeram com acuidade, e a intenção aqui não é a de superar alguma percepção clássica já defendida ou propor um novo ponto de vista, mas simplesmente trazer à tona esta visão pouco conhecida e discutida no meio acadêmico atual.

Palavras-chave: Letra. Literatura. Texto.

1 INTRODUÇÃO

A perspectiva clássica consolida a literatura como a realização do belo por meio das palavras. Esta realização se dá sob diferentes aspectos: ritmo, estilo, forma, figuras de linguagem etc. A combinação desses aspectos proporciona prazer estético e concede a experiência do belo. Ezra Pound, um dos grandes nomes da poesia do século XX, sem negar os clássicos, define o texto literário com uma simplicidade radical: “Literatura é a linguagem carregada de significado. Grande literatura é simplesmente a linguagem carregada de significado até o máximo grau possível.” (POUND, 1970, p. 40). A concepção que é apresentada aqui comporta estas duas perspectivas, no entanto procura resgatar um sentido primário desta arte, um sentido que remete à própria raiz da palavra literatura.

2 A LETRA IMITA A VIDA

A linguagem humana surgiu e atingiu um espantoso desenvolvimento, responsável por distinguir o homem dos demais animais, guiada pela naturalidade. A arte inerente à linguagem, por sua vez, não se realizou de maneira completamente diferente. Embora seja matéria intelectual, os textos literários também nasceram a partir da natureza física, concreta. Os primeiros artífices da linguagem – os primeiros literatos – buscaram fazer com que as letras se comportassem à imagem e semelhança da vida. A língua, assim como as coisas naturais, era simples e potente, e a literatura servia-se disso.

Pierre Klossowski (1905-2001), escritor, tradutor e crítico francês, manifestou essa consciência ao entrar em contato com os clássicos da literatura antiga. Isto fica evidente em comentário que faz sobre a qualidade mimética da Eneida de Virgílio:

O poema épico de Virgílio é, de fato, um teatro onde são as palavras que mimetizam os gestos e o estado de alma dos personagens, do mesmo modo que pelas suas posições, mimetizam também os acessórios próprios da ação. São as palavras que tomam uma atitude, não o corpo; que se tecem, não as roupas; que brilham, não as armaduras; que ribombam, não o trovão; que ameaçam, não Juno; que riem, não Citeréia; que sangram, não as feridas.” (KLOSSOWSKI, 1964, p. XI)

1- Acadêmico do Curso de Letras – Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI – Turma LED0073 – Florianópolis –SC – Polo MBS.

2- Professor-Tutor Externo do Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI – Turma LED0073 – Florianópolis –SC – Polo MBS.

O sentido original da literatura é fazer com que as palavras ganhem vida inspirando-se na própria vida. Aproveitando a metáfora teatral de Klossowski, a literatura está ligada à performance das palavras no palco do texto. Em paralelo a esta ideia, o termo letra (*littera*) traz consigo todo o universo da escrita. Os antigos referiam-se à letra de um texto para expressar o conjunto daquelas qualidades que lhe davam vida.

Um texto era literário por conta de sua letra, isto é, por conta de sua capacidade de imitar a vida por meio da letra. Em outras palavras, a letra, tal como os antigos a usavam, era, ao mesmo tempo, o átomo e a alma do texto literário.

3 A MODERNIDADE E A LETRA

Esta concepção perdurou por muito tempo e foi manifestada, por exemplo, por algumas importantes mentes modernas. Giacomo Leopardi (1798-1837), poeta lírico italiano, ao comentar as dificuldades da tradução, revela o seguinte entendimento:

O fato é que a principal beleza da escrita deriva da naturalidade e não da afetação ou do rebuscamento. Ora, o tradutor necessariamente simula, isto é, esforça-se por exprimir o caráter e o estilo do outro, e repete o dito do outro à maneira e gosto deste. Observem, então, como é difícil uma boa tradução em se tratando de alta literatura, de uma obra que deve ser composta de propriedades que parecem discordantes, incompatíveis e contraditórias. (LEOPARDI, 2005, p. 163, grifo nosso)

A tradução, a propósito, é um problema linguístico que se intensifica radicalmente com a modernidade e a coloca em xeque. O linguista francês Antoine Berman (1942-1991), um dos grandes pensadores da tradução literária, de alguma maneira procurou mostrar como o racionalismo ansioso dos modernos destruiu sistematicamente a letra dos textos antigos. Inicialmente as traduções eram apenas adaptações etnocêntricas que procuravam acomodar à cultura europeia os clássicos antigos – e estranhos aos olhos modernos. Posteriormente, com o advento da modernidade e da Ciência, a filologia quis reparar os erros supostamente cometidos pelas adaptações e pastiches anteriores, porém se aproximou tanto das línguas antigas que perdeu o contato com o estado das línguas modernas, produzindo traduções ilegíveis que Berman (2007) chama de *calcos*.

Por isso, Berman (2007) faz crítica a um resgate da letra dos textos antigos. Tal resgate implicaria restituir na língua de chegada toda a urdidura que compõe a literalidade do texto de partida. Seria traduzir sua forma e sentido com tal sofisticação que pudesse elevar o texto traduzido à mesma altura do original, sem, no entanto, proceder a uma adaptação ou a uma imitação. É diferente, portanto, da tradução literal, como é vulgarmente conhecida; é diferente da tradução palavra por palavra, caricaturalmente ilustrada pelos *calcos* que a filologia moderna produziu.

4 POR UMA LETRA PLÁSTICA

As ideias de Berman (2007) encontram esteio no pensamento de outro importante autor: Michel Foucault (1926-1984). Em um ensaio intitulado “*Les mots qui saignent*” (As palavras que sangram), Foucault (1964) insinua que não apenas as traduções, mas também as próprias línguas modernas e suas literaturas perderam a vitalidade em comparação com as línguas antigas. O latim, por exemplo, assim como grego clássico, era uma língua sintética, flexional, de ordem livre.

A frase latina [...] pode obedecer simultaneamente a duas ordens: a da sintaxe, que as declinações tornam sensível; e outra, puramente plástica, que uma ordem das palavras sempre livre, mas nunca gratuita, revela. (FOUCAULT, 1964, p. 21)

Seja em relação aos valores flexionais ou ao arranjo de palavras na frase, de qualquer maneira, o português, bem como o francês e as demais línguas neolatinas distanciaram-se do latim, enrijecendo sua estrutura, assumindo regras que determinam o posicionamento das palavras, renunciando, por exemplo, certas funções dos adjetivos e condenando algumas inversões. Como Foucault (1964) também aponta, referindo-se ao do regime. A ordem puramente plástica do latim, como define Foucault, fica evidente, sobretudo, nos gêneros discursivos que constam dos textos literários latinos.

A formação das línguas modernas, no entanto, é um processo sem volta; o português, por exemplo, não pode simplesmente retroceder às suas formas embrionárias e recuperar a plasticidade que tinha enquanto ainda era latim vulgar. Além disso, essa discussão vai além das intenções deste texto, que pretende apenas apresentar uma concepção de literatura baseada na noção de letra. Contudo, as ideias de Foucault, Klossowski, Berman e Leopardi podem nos ajudar a responder à pergunta que abriu este texto: o que torna um texto literário? A resposta, como se sugeriu anteriormente, poderia ser: a sua letra. E a letra de um texto depende da plasticidade da linguagem, da naturalidade forjada neste texto, da maneira como as palavras interagem para representar a vida real.

5 CONCLUSÃO

Dizer que um texto é literário implica conter palavras que tenham a feição dos objetos que elas significam, que atuam e interatuam tal qual seus objetos. Se o objeto é uma situação caótica, as palavras devem trazer o caos; se o objeto é o vento, as palavras devem ventar; se o objeto é a morte, as palavras devem sangrar. E, se o objeto são as próprias palavras, então elas devem explodir em significado.

Entender o texto literário desta maneira nos ajuda a estabelecer, em nosso senso crítico, um critério básico para discernir textos literários. Tal concepção nos ajuda a olhar para os textos buscando a sua letra, buscando apreciar o teatro das palavras, o desempenho de cada parte. A literatura é o local onde a língua e o texto se encontram em plena harmonia e criatividade. O texto literário, nada mais é do que o resultado desse encontro.

REFERÊNCIAS

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Trad. Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.

FOUCAULT, Michel. Les mots qui saignent. **L'Express**, 29 ago. 1964.

KLOSSOWSKI, Pierre. Préface. In: _____. **Virgile. L'Énéide**. Trad. Pierre Klossowski. Paris: Gallimard, 1964.

LEOPARDI, Giacomo. Trechos de *Zibaldone di Pensieri* sobre tradução. Trad. Andréia Guerini. In: _____. **Clássicos da teoria da tradução - Italiano**. Florianópolis: NUT, 2005. p. 159-169.

POUND, Ezra. **O ABC da Literatura**. Trad. José Paulo Paes e Augusto de Campos. São Paulo: Cultrix, 1970.